A cidade é, possivelmente, o último reduto do projeto moderno. Estruturas massivas, onde as relações sociais são reorganizadas em função de ritmos de produção e trocas dos quais aqueles que nelas habitam dificilmente conseguem escapar. Mas talvez precisamente por isso são também lugares de resistência, onde é possível (ou simplesmente urgente) desenvolver novas estratégias e tecnologias de construção do espaço (físico, afetivo e social) e constituição da vida. Frente a isso, Cidade Eletronika: Tecnopolíticas do Comum se apresenta ao mesmo tempo como uma coleção de propostas de intervenções tecnológicas, políticas e artísticas no contexto urbano, e uma aposta na noção de que essas intervenções sejam, de fato, cada vez mais urgentes e possíveis.

Pablo Lafuente — Professor visitante da Universidade Federal do Sul da Bahia e co-curador da 31ª Bienal de São Paulo.

CIDADE ELETRONiKA

TECNOPOLÍTICAS DO COMUM: ARTES, URBANISMO E DEMOCRACIA

ORGANIZAÇÃO: ALEMAR RENA | LUCAS BAMBOZZI | NATACHA RENA


Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-68874-02-8
9 788568 874028

>>> fluxos

Tecnopolíticas do Comum: Artes, Urbanismo e Democracia reúne os principais debates que marcaram o Cidade Eletronika 2015, projeto associado ao Eletronika, Festtival de Novas Tendências Musicais, que acontece desde 1999 em Belo Horizonte. Esta publicação surge num cenário em que parece ser urgente uma maior compreensão das relações entre as micropolíticas do cotidiano, as artes e as tecnologias e a construção política das metrópoles a partir de uma transversalidade que inclua experiências sensíveis, antes pouco permeáveis pela política, e hoje talvez mais conectadas com o desejo de constituição do bem comum. Em 2015 o Cidade Eletronika teve sua programação compartilhada com o Fórum Eletronika, Festa das Luzes e o próprio Eletronika, e aconteceu entre 08 e 12 de outubro na Praça da Liberdade e seu entorno, em Belo Horizonte.


Centro
Savassi
Área Hospitalar
Rio de Janeiro

TECNOPOLÍTICAS DO COMUM:
ARTES, URBANISMO E DEMOCRACIA



CARTOGRAFIA CRÍTICA, UM CAMINHO PARA A PROFANAÇÃO DO MAPA

Gabriel Zea

1.

O uso de sistemas de representação bidimensional para contar histórias ocorridas em espaço e tempo específicos não seria possível sem o desenvolvimento de uma série de habilidades cognitivas básicas que o *Homo Sapiens* em determinado momento aperfeiçoou: fazer pausas na exploração, criar estratégias de armazenamento de informações, desenvolver habilidades para abstrair e generalizar, além disso, ser capaz de processar tais dados e tomar decisões a respeito (SMITH, 1987, p. 52). As habilidades de representação e os meios de contar essas histórias também passaram por um processo de domesticação que tem raízes em nossos antepassados hominídeos.

Desde as primeiras cartas celestes até os mapas interativos que usamos na atualidade se passaram gerações de cartógrafos que realizaram inúmeras contribuições aos sistemas de representação usados nos mapas, mas as habilidades básicas adquiridas por nossos antepassados continuam sendo a base necessária para a produção de cartografias.

2.

O mapa-múndi de Hereford[1] produzido por volta de 1300 é um belo mapa que mostra o mundo conhecido pelos habitantes da Europa em determinado momento, acompanhado de diferentes histórias bíblicas e mitológicas situadas nele. A forma deste mapa corresponde ao estilo *Orbis Terrarum* usado no período medieval e caracterizado por usar uma projeção geográfica baseada em um **T** situado na Ásia na parte superior do rio Nilo, Europa e África na parte inferior separadas pelo Mar Mediterrâneo, e tendo Jerusalém como a cidade central.

Os mapas *Orbis Terrarum* são um claro exemplo de que o ethos da cartografia não se encontra apenas nas decisões de quem o elabora, também responde às necessidades expressivas de quem paga sua fabricação. A partir daí a cartografia passa a ser um dispositivo sagrado que deixou de estar sob o controle das pessoas para transformar-se em uma entidade divina com cargas simbólicas, políticas e econômicas que criam um tema cativo nas ideias expressadas nele, às quais tendem a ser compreendidas como uma realidade absoluta, visto que não é mais comum questionar a veracidade das informações apresentadas nos mapas.

3.

Diferentes estratégias têm surgido para retomar o controle do mapa: os rápidos esboços das instruções dadas para navegar pela cidade, as cartografias produzidas por meio de derivas, cartografias emocionais, críticas, coletivas e de experiência são algumas das táticas que surgiram nas tentativas de retomar o controle sobre os mapas.

1- http://www.themappamundi.co.uk/index.php.

Muitas dessas estratégias tendem a usar mapas pré-existentes de maneira básica para localizar informações estratégicas, como uma camada superior de conteúdo aglomerada sobre o componente geográfico. Isso privilegia as histórias e o conteúdo sobre a geografia. O ethos dessa camada inferior ocupa um segundo plano de importância ou se acostumam com sua existência ao ponto de não questionarem as cargas que trazem as decisões tomadas nos sistemas de representação usados nele. Tende-se a partir do princípio de que sua existência é neutra. Se bem que esses mapas estão se tornando profanos, ainda que não o sejam de todo.

4.

Em 1600, um povo de africanos, sob o comando de Benkos Bioho, se estabeleceu como o primeiro povo livre da América logo depois de escapar da opressão dos colonos espanhóis. O Palenque de São Basílio é a população que atualmente vive na área onde os escravos libertados decidiram se estabelecer permanentemente. No processo de planejamento da fuga, as mulheres tiveram um papel importante: foram elas que fizeram os mapas que os levariam à liberdade (MENDIVELSO, 2004).

As mulheres Palenqueras aproveitaram que não eram vigiadas com tanta atenção, como era feito com os homens, para fazer as observações do terreno, caminhos, acidentes geográficos e assentamentos militares dos espanhóis, informações que foram traduzidas para um complexo sistema de codificação que usava as tranças feitas nos cabelos de outras mulheres para construir mapas que continham as informações coletadas a partir da experiência da exploração do entorno.

O sistema criado pelas Palenqueras lhes permitia abstrair a realidade a partir de um sistema de convenções próprio que passava despercebido pelos colonizadores Espanhóis, o que lhes permitiu tomar decisões estratégicas ao longo das ações que lhes levariam a ganhar sua liberdade. Juntamente com o povo de Palenque, o mapa é liberado, deixa de ser controlado por apenas algumas pessoas e fica à disposição da luta de classes. A trança nas cabeças afro são, portanto, uma forma de profanação do instrumento mapa.

5.

Os cartógrafos críticos devem buscar meios de liberar seus mapas dos ethos impostos por sistemas de representação inadequados. Um possível meio de consegui-lo se encontra na construção de mapas que, a partir da experiência no lugar, apresentem estratégias próprias de representação do território em superfícies de duas dimensões, com plena consciência da importância da seleção dos elementos base do mapa, tais como a escala, a simbologia e a projeção geográfica usada. Elementos que construíram o ethos próprio do mapa. Para criar, dessa maneira, uma camada de representação geográfica que sustente as histórias que sejam escritas sobre ela, utilizando as metodologias e ferramentas próprias da cartografia crítica.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. What is an apparatus? In: *What is an apparatus and other essays*. Stanford University Press, 2009.

SMITH, Catherine Delano. The origins of cartography. In: HARLEY, J. (ed.). *The history of cartography*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987. (P. 50-53).

MENDIVELSO, Nelly. Mapa de fuga y otros secretos afro. 2004, Diciembre 5. Accedido 14/9/2015, de http://historico.unperiodico.unal.edu.co/ediciones/67/08.htm.

PATIÑO, José. Palenque, un pueblo tejido en trenzas. 18/8/2011. Accedido 14/9/2015, de http://www.eltiempo.com/archivo/documento/CMS- 10180608.

FICHA TÉCNICA FÓRUM ELETRONIKA
LEI ESTADUAL DE INCENTIVO À CULTURA CA 1519/001/2013
DIREÇÃO GERAL: Aluizer Malab
CURADORIA: Lucas Bambozzi e Natacha Rena
EDIÇÃO E ORGANIZAÇÃO: Alemar S. A. Rena e Lucas Bambozzi
REVISÃO: Gilca Machado Seidinger
TRADUÇÃO: Gama! Traduções e Interpretações
PROJETO GRÁFICO: Julio Dui
FOTOS: Bruno Soares Fotografias
PLANEJAMENTO E COORDENAÇÃO: Marina Purri e Patrícia Lamego
COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO: Carina Bismarck
PRODUÇÃO ARTÍSTICA: Aída Lage
PRODUÇÃO TÉCNICA: Vicente Biamonti e Felipe Amaral
PRODUÇÃO DE LOGÍSTICA: Luciana Naves
PRODUÇÃO TÉCNICA AUDIOVISUAL: Brayhan Hawryliszyn
PRODUÇÃO: Ludmila Abelha, Ana Luísa Freire
ASSESSORIA JURÍDICA: Liciana Bayer
ASSESSORIA FINANCEIRA: Elisangela Gonçalves e Beatriz Albuquerque
COMUNICAÇÃO: Fernanda Alvares e Kelly Mayrink
REDES SOCIAIS: Dudi Polonis
ASSESSORIA DE IMPRENSA: Rede Comunicação
PRODUÇÃO E EDIÇÃO DE VÍDEOS: Aiano Mineiro, Pedro Rena e Cristiano Araújo

AGRADECIMENTOS, TODOS ESPECIAIS:
Andrés Denegri e Gabriela Golder
Chico Dub
Demetrio Portugal
Henrique Roscoe
Marcos Boffa
Marina Purri

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

C568
Cidade Eletronika: tecnopolíticas do comum: artes, urbanismo e democracia / Organizadores Alemar Rena, Lucas Bambozzi, Natacha Rena. – Belo Horizonte (MG): Fluxos, 2016.
240 p. : il. ; 15,5 x 22 cm

Inclui bibliografia.
ISBN 978-85-68874-02-8

1. Arquitetura paisagística urbana. 2. Artes e sociedade. I.Bambozzi, Lucas. II. Rena, Natacha. III. Rena, Alemar. IV. Título.

CDD-700.103


REALIZAÇÃO
PATROCÍNIO
PARCERIA
LEI ESTADUAL DE INCENTIVO À CULTURA
CA 1751/001/2013
malab
oi
DEEZER
UNIVERSIDAD NACIONAL DE TRES DE FEBRERO
PARCERIA
una
SESI FIEMG
ULTRA
FESTA DAS LUZES
ibis
LIBERDADE
PROMOÇÃO
APOIO
HOJE EM DIA
98 FM
MEMORIAL
MINAS GERAIS
VALE
GERDAU
BIBLIOTECA
PÚBLICA ESTADUAL
LUIZ DE BESSA
Espaço do Conhecimento
UFMG
INCENTIVO
PALÁCIO DA LIBERDADE
Liberdade
CIRCUITO CULTURAL
ARTE E CONHECIMENTO
iepha
SECRETARIA DE CULTURA
MINAS GERAIS
GOVERNO DE TODOS